



A HIPÓTESE DA GRANDE DEUSA ENTRE OS ROMÂNTICOS E ACADÊMICOS

THE GREAT GODDESS HYPOTHESIS AMONG THE ROMANTIC AND ACADEMIC

*Karina Oliveira Bezerra**

RESUMO

O movimento romântico exaltou o natural e o irracional, a beleza e sublimidade da natureza selvagem e da noite, e a “Grande Deusa”. Porém, a forma como o passado foi apresentado, representa mais os desejos dos modernos sobre os antigos, do que a representação do passado em si, a qual as evidências deixam mais dúvidas do que respostas. Para compreender o tear entre evidências históricas e fenomenologias sobre o tema, apresentaremos discursos oriundos do século XIX aos dias atuais, à saber: o resgate da deusa da natureza, de Apuleio, pelos românticos; a ideia dos acadêmicos no século XIX de que havia uma única grande deusa, representada e adorada como Mãe Terra; as descobertas arqueológicas de estatuetas femininas do paleolítico, neolítico, e da idade do bronze; o desenvolvimento do arquétipo da Grande Mãe na psicologia; a arqueologia de Leroi-Gourhan e a da polêmica Marija Gimbutas, que apresentou uma religião da Deusa, que se estendeu por toda a Europa, ao Oriente Próximo e à região do Mediterrâneo como um sistema ideológico coeso e persistente; e finalmente a perspectiva de Paolo Scarpì, à qual seria improvável que houvesse no neolítico uma ideia de divindade, portanto, o tema da “deusa mãe” seria um “mito” científico.

Palavras-chave: Paganismo; Mãe terra; Mito científico.

ABSTRACT

*Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP.



The romantic movement extolled the natural and the irrational, the beauty and sublimity of wild and night nature, and the "Great Goddess". However, the way the past was presented, represents the wishes of the moderns over the ancients, rather than the representation of the past itself, to which the evidence leaves more doubts than answers. To understand the gap between historical evidence and phenomenology on the subject, we will present the discourse from the 19th century to the present day, namely: the rescue of the goddess of nature, from Apuleio, by the romantics; the idea of academics in the 19th century that there was a single great goddess, represented and adored as Mother Earth; the archaeological discoveries of female statuettes from the Paleolithic, Neolithic, and Bronze Age; the development of the Great Mother archetype in psychology; the archeology of Leroi-Gourhan and that of the controversial Marija Gimbutas, who presented a religion of the Goddess, which extended throughout Europe, the Near East and the Mediterranean region as a cohesive and persistent ideological system; and finally the perspective of Paolo Scarpi, to whom it was unlikely that there was an idea of divinity in the Neolithic, therefore, the theme of the "mother goddess" would be a scientific "myth".

Keywords: Paganism; Mother Earth; Scientific myth.

1 INTRODUÇÃO

Entre 1870 e 1970, grande parte dos especialistas ingleses via o campo como um lugar com práticas imemoriais, com autênticos traços da antiga religião pagã. Os costumes do povo eram como fósseis culturais, vindos dos primeiros estágios da civilização, e o estudo comparativo deles forneceria uma teoria geral do desenvolvimento religioso para a raça humana. Entre 1860 e 1880, um estudioso prussiano, Wilhelm Mannhardt, fez a primeira coleção sistemática dos costumes dos camponeses contemporâneos, sendo a primeira versão madura da teoria da sobrevivência (HUTTON, 1999, p. 113). Mannhardt foi um precursor de Edward Tylor, sendo que esse fundamentou a teoria antropológica do evolucionismo cultural e fundou o método comparativo: “[...] considerava a humanidade um todo em crescimento através dos tempos, indo da infância à maturidade, estando os povos primitivos situados no estágio infantil” (MARCONI, 2014, p. 245). Essa ideia de Tylor contrasta com o encanto romântico, mas ele legitimará a teoria da sobrevivência pagã, pois essa dá suporte ao conceito de progresso da humanidade e contribuiria para o seu desejo de quebrar o domínio dos modos primitivos de pensamento sobre a vida moderna. Ele cita, por exemplo, que um moderno médium é um índio vermelho ou um xamã tartan vestido de casaca. Um antropólogo que teve grande influência dos dois

citados foi o célebre James Frazer, sendo dentre esses, o que mais interessa para nossos propósitos.

Na sua grande obra *O ramo de ouro*, Frazer a princípio, na primeira edição de 1890, queria “[...] simplesmente explicar a estranha regra do sacerdócio ou da realeza sagrada de Nemi e, com ela, a lenda do ramo de ouro, imortalizada por Virgílio, que a voz da Antiguidade associou ao sacerdócio” (FRAZER, 1982, p. 16). Ele queria entender por que o aspirante a sacerdote e rei do bosque, que poderia ser qualquer um, para isso tinha de colher o ramo de ouro, e em seguida matar seu predecessor. Posteriormente, percebeu que a resposta não era simples, e acabou escrevendo um tratado com 13 volumes, buscando paralelos em outras culturas e períodos. Então, procurou personagens sagradas que eram mortas, ritualmente ou não, e com o que lhe é contíguo, por exemplo a natureza da deusa de Nemi, Diana, os mitos do lugar do culto e suas observâncias religiosas. A partir daí, tendo colhido tanto material, expandiu sua pesquisa e tentou descobrir: a unidade original do pensamento religioso, que seria o totemismo; como o homem primitivo busca controlar e regular o mundo, que seria com o sacrifício do deus; e desenvolveu uma teoria geral da religião.

E a ciência viria depois da religião para iluminar e levar a evolução para a humanidade. Ao explicar a crença no deus imolado, que morria e revivia, sendo ele o espírito da vegetação e representado na forma humana por reis sagrados, Frazer fez um paralelo com a história do sacrifício de Cristo, afirmando que ela foi derivada do sacrifício do homem que representa este deus-natureza. O descrédito de Frazer pelo cristianismo também é observado quando ele enaltece a Grécia e Roma antiga e seu elevado ideal de cidadão em detrimento da egoísta e imoral doutrina das religiões orientais. A obra de Frazer foi criticada por seus colegas antropólogos, no entanto tornou-se best-seller, cativando o público leigo, consagrando a obra como um clássico da literatura. Veja as palavras de Darcy Ribeiro no prefácio à edição brasileira:

A obra de Frazer tem hoje o valor de uma grande criação literária. Seu valor científico é equiparável ao das obras de ciência-ficção enquanto especulações imaginosas e até verossímeis sobre temas que a ciência ainda não pode encarar. O ramo de ouro é uma ficção erudita sobre o passado humano que se lê sentindo o forte sabor de verdade revelada das antecipações que ousam pensar racionalmente o que é impensável cientificamente. O próprio Frazer, aliás, estava consciente disso. Sempre apresentou suas conjecturas como meramente

plausíveis, tomando o cuidado de assinalar o seu limitado alcance e sua precária validade (FRAZER, 1982, p. 15).

Dessa forma, o encanto da obra de Frazer, com sua possível explicação da história humana, atingiu e influenciou vários estudiosos, e acadêmicos. Ao invés de desacreditar a magia e a religião, Frazer, com sua densa obra, despertou mais ainda o interesse sobre o sentido e o valor das práticas religiosas antigas. Sua pretensão de levar luz aos primitivos foi realizada, mas de maneira inversa ao que ele desejava.

No século XIX os costumes do povo passaram a ser vistos como uma sabedoria superior, pois estavam em contato com a natureza e assim promoviam uma harmonia social. Com esse respeito adquirido, foi possível ser fundada em 1878, na Inglaterra, a *Folklore Society*, a qual visava estudar de forma científica a cultura tradicional vernácula, incluindo música tradicional, canções, dança, drama, narrativas, artes e ofícios, costumes e crenças. No entanto, os estudiosos deixavam-se levar pelo espírito da época, na busca por esse mundo almejado. Ronald Hutton diz que muitas das suas ideias tinham verdades. O problema é que em cada caso eles passavam dos limites:

É absolutamente correto que alguns costumes folclóricos britânicos tenham descendido diretamente dos rituais pagãos, como os fogos de Beltane e Véspera de Verão, e a entrega de presentes e decorações das casas com vegetação no Inverno. A maioria, no entanto, são provas antigas duvidosas ou (mais frequentemente) desenvolvidas na Idade Média ou mais tarde (HUTTON, 1999, 122).

Cá penetramos nos limites da ciência, em que Frazer incidiu, e os outros folcloristas igualmente. As evidências empíricas não são suficientes explicações para o entusiasmo e dogmática certeza com que os conceitos das sobrevivências pagãs e da continuidade foram argumentados. Mesmo os classicistas também reverberaram essas ideias. O paganismo grego não se enquadrava nesse mundo rural com ritos de fertilidade, tambores vibrantes, corpos pintados e deidades que representavam forças primárias cosmológicas. Então, tendo Frazer como vanguarda, na qual afirmava que, antes dos panteões familiares gregos, a Grécia Antiga adorava apenas uma Deusa, os classicistas o seguiram, dizendo que a época dessa misteriosa Deusa era sombria, centrada na terra e com ritos extáticos interessados em magia e propiciação. De

classicistas, agnósticos e românticos como Jane Ellen Harrison¹ e Gilbert Murray² a anglicanos conservadores como Jessie Weston³ e protestantes evangélicos como Bernard Cook⁴, essa era a verdade científica da época (HUTTON, 1999).

2 A DEUSA DA NATUREZA, DE APULEIO

O bosque da deusa Diana passou a ser desejado, diante da doente e feia cidade, assim como um deus da natureza, que foi corporificado no grego Pan. No livro *The amateur poacher*, de 1879, Richard Jeffries diz que “[...] algo que os antigos chamavam divino pode ser ainda encontrado e sentido lá” (apud HUTTON, 1999, p. 118). O movimento romântico exaltou o natural e o irracional, a beleza e sublimidade da natureza selvagem e da noite, e a “Grande Deusa”. Porém, a forma como o passado foi apresentado representa mais os desejos dos modernos sobre os antigos do que a representação do passado em si, com a qual as evidências deixam mais dúvidas do que respostas.

No mundo antigo das sociedades pagãs, as deusas são comumente patronas mais de aspectos da cultura do que do mundo natural. Jean-Pierre Vernant, especialista na Grécia Antiga, ao explicar por que a deusa Ártemis preside o parto, sendo esse uma transição do natural para o cultural, na vida da mulher, diz:

[...] ao gerar um rebento, tal como acontece com os animais, o parto – com os gritos, as dores e essa espécie de delírio que o acompanham – manifesta, aos olhos dos gregos, o lado selvagem e animal da feminilidade, no exato momento em que a esposa, dando um futuro cidadão à cidade – reproduzindo-a portanto –, parece melhor integrada ao mundo da cultura (1988, p. 26).

Assim, a mulher será associada ao mundo natural, porém o ideal é sua integração à sociedade e à cultura, quando deixa de ser *Parthenos* e torna-se *Gyne* após o parir. A deusa Ártemis, a mais livre das deusas, justamente por não ser casada, mora nas

1 Prolegomena to the study of Greek religion (Cambridge, 1903), Themis: a study of the social origins of Greek religion (Cambridge, 1912).

2 Four stages of Greek religion (New York, Columbia University Press, 1912).

3 “Ela não era classicista, estudou as lendas arturianas e argumentou, porém sem provas, que o principal motivo da lenda descendia diretamente da preocupação dos mistérios da religião Pagã com a fertilidade. E ganhou um Prêmio da Academia Britânica e um doutorado honorário em Letras” (HUTTON, 1999, p. 125).

4 Zeus: a study in ancient religion (Cambridge, Cambridge University Press, 1914).

montanhas e vai à cidade apenas para ajudar as mulheres no parto. Ela torna permeáveis as fronteiras entre o selvagem e o civilizado.

A esmagadora maioria dos pagãos antigos genuinamente acreditava que as diferentes deusas tinham personalidades distintas (HUTTON, 1999). Apenas um texto, o único romance romano preservado integralmente, apresenta uma deusa que personifica todas as outras e que é identificada com a lua e com toda a natureza. O texto é “O asno de ouro”, de Apuleio, e a deusa é Isis. Na oração que o personagem Lucio faz a Isis, ela é vista como a Deusa, pois todas as deusas estão nela⁵. Vejamos um trecho da resposta dela à oração:

Hei-me aqui, venho comovida por seus rogos. Oh, Lucio! Saiba que eu sou mãe e natureza de todas as coisas, senhora de todos os elementos, princípio e geração dos séculos, a maior dos deuses e rainha de todos os defuntos, primeira e única garganta de todos os deuses e deusas do céu, que dispenso com meu poder e mando as alturas resplandecentes do céu, as águas saudáveis do mar e os secretos choros do inferno (APULEIO, 2018, p. 290).

Será esse conceito de deusa de Apuleio que predominará na modernidade. E Ártemis ou Diana (romana) será a Isis dos românticos, deusa do luar, ou do mundo natural, chamada comumente de Mãe Terra ou Mãe Natureza. Os poetas Keats e Shelley terão proeminência nessa empreitada. Mesmo os druidas, conhecidos adoradores do sol, foram retratados adorando a lua, no mais famoso drama sobre eles do século XIX, a opera Norma⁶ (1831), de Vincenzo Bellini. Swinburne, também compôs, em 1867, para a deusa da natureza, fonte poderosa de todo o ser; ele a nomeou de Hertha, a deusa terra dos germânicos. O também poeta George Meredith afirma que todas as deusas clássicas são diferentes aspectos da “Grande Natureza” ou “Terra”, com a qual os humanos precisam se reconciliar a fim de serem completos mais uma vez. Por volta de 1880, a deusa era tanto criadora quanto redentora (HUTTON, 1999, p. 33-35).

A discussão dos acadêmicos sobre essa deusa começou com os românticos alemães, debatendo sobre a natureza da religião da pré-história. Enquanto para os iluministas

⁵ Durante o Renascimento, uma minoria de especialistas da tradição hermetica moderna, inspirados em Apuleio e no neoplatonismo, irá identificar o feminino com o céu estrelado, fonte de vida e inspiração.

⁶ A ação de “Norma” passa-se na Gália durante a ocupação romana, cerca de 50 anos a.C.

franceses e escoceses foi mais aceito que as crenças das religiões primitivas eram um composto de ignorância e medo, para os alemães⁷ seria uma personificação de verdades sublimes, que teriam se degenerado e sido esquecidas entre a maioria dos povos tribais. Dessa forma, em 1849, bem antes de o “Ramo de Ouro”, o classicista alemão Eduard Gerhard⁸ sugere que, antes da Grécia histórica, havia uma única grande deusa, representada e adorada como Mãe Terra. Outros classicistas, como Ernst Kroker, Fr. Lenormant e M.J Menant, aceitam e avançam essa ideia, dizendo que as culturas da Anatólia e da Mesopotâmia eram em certa medida ancestrais à da Grécia⁹. Uma discussão entre advogados sobre a origem da sociedade e da família humana também abordou essa inicial predominância da mulher. O juiz J.J Bachofen¹⁰, em 1861, disse que as primeiras sociedades humanas haviam sido centradas na mulher (HUTTON, 1999).

3 AS DESCOBERTAS ARQUEOLÓGICAS

E a legitimação desse passado foi realizada a partir da década de 1880, com as descobertas arqueológicas de estatuetas femininas do Neolítico e da Idade do Bronze nas ilhas Cíclades e em Creta, e por estatuetas femininas do paleolítico. Em 1884, Theodore Dent escreveu o artigo “*Researches among Cyclades*” no *Journal of Hellenic Studies* 5, em que descreve as figuras do Neolítico e do Bronze como um grupo. E, em 1901, o arqueólogo Sir Arthur Evans, depois de escavar Knossos¹¹, proferiu que a Creta pré-histórica venerou uma única e poderosa deusa e um único deus subordinado a ela como seu filho e consorte. Evans também associou as figuras femininas com as deusas históricas do Oriente Próximo. Em 1903, Edmund Chambers estudioso do medievo, disse que a Grande Mãe Terra tinha dois aspectos: criadora e destruidora. E a já citada classicista Jane Ellen Harrison disse que ela tinha três aspectos, mas apenas apresentou o de donzela e mãe (HUTTON, 1999).

7 Especialmente em Johann Herder, August e Friedrich von Schlegel e Ludwig Tieck (HUTTON, 1999).

8 No livro *Über Metroen und Götter-Mutte*.

9 “Essas culturas continham figuras de poderosas deusas, identificadas com a maternidade ou com a terra (embora nunca com os dois)” (HUTTON, 1999, p. 36).

10 Livro: *Das Mutterrecht*.

11 Texto: *The Palace of Knossos*, *Annual of the British School at Athens* VIII e IX.

Em 1929, o inglês G. D. Hornblower¹² fez o link entre as estatuetas femininas do paleolítico com as do neolítico e com a noção de Grande Deusa do Oriente Próximo. No mesmo ano, o antropólogo E.B. Renaud¹³ encontrou estatuetas femininas em Pueblo, no Arizona, e fez um paralelo com as da Europa. Com isso, proclamou que o primeiro deus foi uma deusa, existente em todo mundo. Contudo, o Neolítico do Oeste e Norte da Europa era bem diferente e não havia evidência dessa Grande Deusa. Até que, em 1939, o arqueólogo A. L. Armstrong clamou ter encontrado estatuetas femininas em *Grimes Graves*, um grande complexo de mineração de sílex do neolítico em *Norfolk*. No entanto, a autenticidade do artefato nunca foi comprovada, e nenhuma outra estatueta foi encontrada desde então¹⁴ (HUTTON, 1999, p. 37-39).

Desde *Endymion* (1818) de Keats, a qual, encantado pela lua, identifica como uma deusa, tornou-se clichê essa identificação, além da identificação do feminino com a lua e o céu estrelado em geral. Mas, a partir de 1948, com o lançamento da “Deusa Branca” do celebre poeta e novelista inglês Robert Graves¹⁵, a ideia de lua como tríplice, a qual Harrison havia sugerido, será amadurecida por Graves.

Contudo, não se deve nunca esquecer que a Deusa Tríplice, como adorada, por exemplo, em Estinfália, era uma personificação feminina primitiva – mulher criadora e destruidora. Como lua nova, ou primavera, era uma jovem; como lua cheia, ou verão, era mulher adulta; como lua minguante, ou inverno, era a velha bruxa. [...] a lua nova é a Deusa Branca do nascimento e do crescimento; a lua cheia,

¹² “Predynastic Figures of Women and their Successors”. *Journal of Egyptian Archaeology* XV. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/030751332901500105>>. Acesso em: 25 fev.2018

¹³ Foi professor de Antropologia na Universidade de Denver. Nascido em Paris, França, Renaud emigrou para os Estados Unidos para estudar antropologia em 1907. Mudou-se para o Colorado devido ao interesse pela história e religião das tribos nativas americanas do Colorado e logo começou a ensinar na Universidade de Denver. Renaud foi instrumental no desenvolvimento do Departamento de Antropologia do DU, tornando-se seu primeiro professor titular em 1924. Acesse o texto: “Prehistoric female figurines from American and the Old World”. Disponível em: <https://duarchives.coalliance.org/repositories/2/archival_objects/36815>. Acesso em: 26 fev. 2018

¹⁴ A estatueta está no British Museum. Disponível em: <http://www.britishmuseum.org/research/collection_online/collection_object_details.aspx?objectId=809358&partId=1>. Acesso em: 26 fev.2018. Para saber mais sobre o assunto, veja: Gillian Vardell, “The Ritual Objects”, in Ian Longworth et al., *Excavations at Grimes Graves, Norfolk 1972-1976: Fascicule 3* (London: British Museum, 1991).

¹⁵ Graves era poeta e usou suas visões pessoais para reinterpretar os vários textos que usou como aporte para seus livros. Ele interpretava episódios aparentemente fantásticos como reais, e considerava as versões dele melhores por serem alcançadas por um superior processo de dedução de um estudioso. Também considerava que as verdades filosóficas eram superiores às verdades fatuais e ocasionalmente improvisava quando os materiais existentes tinham lacunas (HUTTON, 1999).

a Deusa Vermelha do amor e das batalhas; a lua velha, a Deusa Negra da morte e da adivinhação (GRAVES, 2003, p. 442).

Dessa forma, Hutton (1999, p. 39) conclui que a ortodoxia padrão pela década de 1940 (correta ou não) dizia que no início houve um monoteísmo feminino, que se desintegrou para um politeísmo exuberante, e depois novamente se simplificou para um monoteísmo patriarcal.

4 O ARQUÉTIPO DA GRANDE MÃE

Nas décadas seguintes, o romantismo continuará influenciando a cultura e os estudiosos. Na psicologia, veremos uma influência para a legitimação da teoria da Grande Mãe, encontrada em Carl Jung (1875-1961), na teoria dos arquétipos, especificamente claro, o da mãe. Apesar de que, como veremos a seguir, o arquétipo materno teria de se tornar mais genérico para corresponder à Grande Mãe.

O conceito da Grande Mãe provém da História das Religiões e abrange as mais variadas manifestações do tipo de uma Deusa-Mãe. No início esse conceito não diz respeito à psicologia, na medida em que a imagem de uma "Grande Mãe" aparece nessa forma muito raramente. E quando aparece na experiência clínica, isso só se dá em circunstâncias especiais. O símbolo é obviamente um derivado do arquétipo materno; assim sendo, quando tentamos investigar o pano de fundo da imagem da Grande Mãe, sob o prisma da psicologia, temos necessariamente de tomar por base de nossa reflexão o arquétipo materno de um modo muito mais genérico (JUNG, 2002, p. 87).

Então, o aluno de Jung, Erich Neumann, desenvolve esse arquétipo, e lança, em 1955, o livro *A Grande Mãe: um estudo fenomenológico da constituição feminina do inconsciente, versando sobre as formas de manifestação do feminino em seu caráter elementar e de transformação*. No artigo "*Erich Neumann: Theorist of the Great Mother*" (2006), da polêmica ensaísta, crítica de arte e crítica social Camille Paglia, propõe-se que Neumann seja a chave para uma futura incorporação de Jung no feminismo acadêmico, pois Neumann não apresenta o matriarcado¹⁶ como

¹⁶Ela faz uma crítica à teoria de Bachofen do matriarcado e a continuidade em Jane Harrison. E acrescenta que, quando a hipótese ressurgir no feminismo junguiano, transforma-se numa novela arcadiana. Ainda sobre o tema, comenta sobre *O cálice e a espada* (1987), de Riane Eisler, que se tornou quase canônico. E lamenta Marija Gimbutas ter tomado como mentor junguiano Campbell ao invés de Neumann.

sociológico, mas como psicológico: “Neumann insiste que o estágio matriarcal ‘refere-se a uma camada estrutural e não a qualquer época histórica” (PAGLIA, 2006, p. 10). E porque vê a antiga Grande Mãe como dual e perigosa e não simplificada sem resíduos arcaicos. Mas fica evidente que sua principal admiração e escolha por Neumann é por sua inspiração na arte. Tanto é que ela diz que uma crítica cultural autêntica requer saturado estudo acadêmico, bem como um poder de imaginação simpática. Ela diz que a filologia de Neumann é frazeriana, e que ele criou uma “[...] enorme prosa-poema onírico, com surpreendente e às vezes material bizarro fluando dentro e fora” (PAGLIA, 2006, p. 12).

Portanto, Paglia afirma que, apesar de na academia as feministas terem adotado Freud via Lacan, o pós-estruturalismo não tem nada de útil a dizer sobre os grandes temas religiosos e mitológicos que dominaram a história da arte mundial. Acrescenta que, porém, fora da academia,

Jung é um progenitor cardeal do Movimento da Nova Era, que se desenvolveu a partir de duas importantes vertentes do pensamento dos anos 1960 - o imperativo de voltar à natureza (que pode ser classificado como vestigialmente romântico) e multiculturalismo, nomeadamente no que diz respeito ao Leste Asiático e as religiões Nativas Americanas (PAGLIA, 2006, p. 8).

5 ANDRÉ LEHOI-GOURHAN

Na arqueologia, irão acontecer descobertas incríveis em relação às deusas. E mais uma vez vai haver vários tipos de interpretações, assim como revisionismos sobre as antigas descobertas. Começamos apresentando as considerações do grande arqueólogo André Lehoi-Gourhan, sobre as estatuetas do Paleolítico, a qual já citamos. No seu livro de 1964, *As religiões da Pré-história* (2007) ele diz que há uma certa perda de senso crítico entre os investigadores, quando, por exemplo, as estatuetas de animais são poucas estudadas, enquanto as femininas têm uma literatura abundante. Também diz que é evidente que as estatuetas foram modeladas e remodeladas a partir de um cânon figurativo, ao longo de séculos de cópias sucessivas, do Leste para o Oeste, do Don ao Atlântico, e se tratando, portanto, de um arquétipo. Ele também acrescenta:

O que se disse sobre as deusas da Fecundidade é estritamente banal e não explica nada: considerar a fecundidade como um fenômeno desejável é apanágio de todas as religiões ou quase todas, e fazer da mulher o seu símbolo não tem nada de particularmente original. Comparar as figuras paleolíticas a estatuetas mesopotâmicas ou da Nicarágua, tende apenas a demonstrar a existência de mulheres em três pontos do espaço terrestre. Na realidade nada sabemos sobre o sentido profundo dado pelos Paleolíticos às suas “Vênus”, que também poderiam muito bem ser “Junos” ou “Proserpinas” (LEROI-GOURHAN, 2007, p. 14).

Leroi-Gourhan demonstra uma unidade do conteúdo figurativo de toda arte paleolítica, que parece não ter variado de 30.000 a.C a 9.000. E sugere que é provável que, pelo menos em parte, as estatuetas humanas formassem pares (mulher e homem), pois estaria de acordo com a regra dos signos¹⁷. Além dessa complementariedade entre duas figuras de valor sexual diferente (feminino e masculino), o autor afirma que a gruta é um símbolo do feminino, e que a constância do dispositivo simbólico é a prova de que existia uma mitologia, constituída desde muito cedo (LEROI-GOURHAN, 2007). Apesar de um estudo complexo, o autor tinha consciência das limitações, e questionou: “[...] tratar-se-á de provar que o pré-historiador tem imaginação ou de constatar que o seu predecessor selvagem possuía um sistema de raciocínio solidamente construído?” (LEROI-GOURHAN, 2007, p. 108).

As ideias desse arqueólogo repousam sobre o viés do Estruturalismo. Foi celebrado no seu tempo, contudo, posteriormente, foi criticado, pois não conseguiu relacionar os ritos efetuados nas cavernas com o sistema simbólico que estabeleceu. E, quando se encontrou mais artes rupestres, descobriu-se que cada sítio tinha um layout único, não sendo possível aplicar um esquema geral que se encaixasse em todos eles. Incluímos Leroi-Gourhan aqui não só porque é um dos maiores arqueólogos da história, ou por conta da sua leitura das estatuetas femininas dos pares complementares, mas também porque ele tentou mostrar que as pessoas do Paleolítico Superior não eram selvagens ignorantes, e sim pessoas com capacidade

17O autor dividiu a arte paleolítica em três categorias de temas: animais, os seres humanos e os signos. E esses são caracterizados em femininos (os ovais, triângulos, retângulos etc.) e masculinos (traços, bastonetes, linhas de pontos), havendo signos representados em pares.

cognitiva, assim como as pessoas de hoje, aproximando-se, portanto, do olhar romântico, a qual seu viés estruturalista é devedor¹⁸.

As descobertas de cidades neolíticas trouxeram muito material para os estudos das deusas. Quando do lançamento do livro referido de Leroi-Gourhan, já havia cinco anos se passado da grande descoberta da cidade mais antiga do mundo¹⁹: Catal Huyuk. Suas escavações iniciaram em 1961 e foram dirigidas pelo arqueólogo James Mellart. Elas se localizam no sul da Turquia, e sua datação é de 7.000 a.C., sendo um pouco mais antiga que Jérico. Ambas possuem muitas similaridades, inclusive na religiosidade.

6 MARIJA GIMBUTAS

Veremos agora a arqueóloga que mais causou reboiço em vários ramos do conhecimento: Marija Gimbutas. Em 1956, Gimbutas apresentou a hipótese Kurgan, que combinava estudos de arqueologia com linguística para evidenciar problemas no estudo dos povos de língua protoindo-europeia, que ela deu o nome de Kurgans. Nesse trabalho, reinterpreto a Pré-história à luz de seu conhecimento em linguística,

¹⁸ “O estruturalismo não é uma teoria nem um método; é um ponto de vista epistemológico. Parte da observação de que todo conceito num dado sistema é determinado por todos os outros conceitos do mesmo sistema, e nada significa por si próprio. Só se torna inequívoco, quando integrado no sistema, na estrutura de que faz parte e onde tem um lugar definido. A obra científica do estruturalismo é, portanto, uma síntese da visão romântica – cuja base cognitiva é a dedução a partir de um sistema filosófico que classifica e avalia os fatos a posteriori, e a posição empírica do positivismo – que, ao contrário, constrói a sua filosofia a partir dos fatos que comprovou pela experiência.” A citação são considerações de Joseph Hrabák, que servem de epígrafe a uma antologia de trabalhos do Círculo Linguístico de Praga, organizada por Paul Garvin em 1964. A tradução da citação encontra-se no artigo em J. Mattoso Câmara Jr. (1967, p. 43).

¹⁹ Vale citar a descoberta em 1994, pelo arqueólogo Schmidt, do templo mais antigo do mundo: Göbekli Tepe. Esse data de “[...] cerca de 11,6 mil anos. Estudos geomagnéticos revelaram em 2003 que existem pelo menos 20 círculos aglomerados a esmo debaixo da terra. Os pilares mais altos têm 5,5 metros de altura e pesam 16 toneladas. Animais em baixo-relevo enxameiam a superfície dos pilares, cada um em estilo diferente, uns poucos tão refinados e simbólicos quanto a arte bizantina”. Schmidt sugere que a “[...] construção de um templo por um grupo de extrativistas é indício de que a religião organizada pode ter surgido antes da agricultura e dos outros aspectos da civilização. [...] O arqueólogo francês Jacques Cauvin supôs que essa mudança de mentalidade foi uma “revolução de símbolos”, um desvio conceitual que permitiu aos seres humanos imaginar deuses – seres sobrenaturais à semelhança do homem – em um universo fora do mundo físico. Schmidt vê Göbekli Tepe como uma evidência em favor da teoria de Cauvin. ‘Os animais eram guardiões do mundo dos espíritos’, diz. ‘Os relevos esculpidos nos pilares em T ilustram esse outro mundo.’” E chega a algumas conclusões. “Vinte anos atrás todos acreditavam que a civilização era impulsionada por forças ecológicas”, reflete. “Acho que agora estamos aprendendo que ela é produto da mente humana”. Disponível em: <<http://www.cliografia.com/2011/08/29/gobekli-tepe-o-berco-da-religiao/>>. Acesso em: 27 fev. 2018.

etnologia e estudos sobre a história das religiões. Desafiou várias suposições tradicionais sobre o começo da cultura europeia.

Em 1974, em seu livro *The Gods and Goddesses of Old Europe*, faz uma celebrada análise das estatuetas femininas, tratando-as como representações de divindades individuais, e interpretou seu simbolismo de acordo com o sistema de Erich Neumann. No entanto, na segunda edição de 1982, sob influência do movimento de espiritualidade feminista americano, ela coloca o nome *goddesses* em primeiro lugar no título, e no prefácio refere-se às diferentes divindades femininas dos Balcãs como “a Deusa Creatrix” (mãe, criadora), em seus vários aspectos. Gimbutas será a única proeminente arqueóloga a dar total suporte à ideia que as culturas europeias pré-históricas eram centradas na mulher, tanto na sociedade como na religião, e que a destruição de tais culturas pelo patriarcado representa uma tragédia para a humanidade. Hutton esclarece que não há provas do contrário e talvez nunca haja, pois a evidência é suscetível de interpretações alternativas (HUTTON, 1999).

Seus dois últimos livros, *The language of the goddess* (1989) e *The civilization of the goddess* (1991) são dedicados “[...] a propagar a ideia que antes da vinda dos Indo-Europeus e a era das trevas patriarcal que tem persistido desde então, toda a Europa fora ocupada por culturas pacíficas, criativas e centradas na mulher, que haviam venerado a Deusa em todos seus aspectos” (HUTTON, 1999, p. 357). Mas é bom salientar que esse modelo implicava uma condição de respeito mútuo entre os sexos, sem subserviência de um sexo para o outro. É óbvio que Gimbutas teve influências da já citada Jane Ellen Harrison à Jacquetta Hawkes, no entanto ela só cita Neumann – antes de descartá-lo pela teoria feminista –, apesar de colocar na bibliografia os autores consagrados. Ela enfatiza que foi a primeira a apresentar o “roteiro” pictórico para a religião da Antiga Deusa Europeia e permitiu que, no prefácio de seu livro, Joseph Campbell clamasse que a decifração do simbolismo neolítico feito por ela se compara à decifração de Champollion dos hieróglifos egípcios. (HUTTON, 1999).

A resistência de Gimbutas ao vínculo com seus predecessores é sugerida por Hutton (1999) pelo fato de ela por si só prover a maioria dos detalhes e adicionar novas ênfases, mas também pelo conservadorismo de seus precursores, que destoam de seu trabalho. Jacquetta Hawkes, por exemplo, que havia interpretado a centralidade da

mulher no neolítico como forças de resistência à mudança, mediante a declaração de Gimbutas, em 1982, sobre a crença da Deusa única pré-histórica, anunciou para o mundo que talvez o princípio feminino estivesse muito dominante, e que todas as mulheres que permitem seus instintos de prevalecer tenham uma deferência voluntária para o naturalmente dominante homem, o líder nato.

Gimbutas era especialista em Grécia e Bálcãs, e até *The language of the goddess* baseava-se no material arqueológico desses lugares, apesar de nesse livro ter declarado que “[...] suas associações sistemáticas indicam a extensão da mesma religião da Deusa a toda a Europa, ao Oriente Próximo e à região do Mediterrâneo como um sistema ideológico coeso e persistente”. Foi no *The civilization of the goddess*, porém, que Hutton (1999) diz que ela finalmente perdeu a prudência, pois incorporou material de todas aquelas regiões, sem ter especialidade nelas. Hutton (1999, p. 358) considera que o “[...] trabalho posterior de Marija Gimbutas foi tanto um produto do movimento de espiritualidade feminista Americana quanto uma fonte de inspiração para ele”.

Em seu livro *The language of the goddess*, Gimbutas agradece aos falecidos Joseph Campbell e Mircea Eliade, por terem lido o manuscrito da obra. E, como já citado, Campbell escreve o prefácio. Vamos destrinchá-lo:

Marija Gimbutas tem sido capaz não apenas de preparar um glossário fundamental de motivos pictóricos como chaves para a mitologia daquela época não documentada, mas também de estabelecer, com base nesses signos interpretados, as principais linhas e temas de uma religião em veneração, tanto do universo como o corpo vivo de uma Deusa-Mãe Criadora, e de todas as coisas vivas dentro dela como parte de sua divindade – uma religião, imediatamente percebida, em contraste com a de Gênesis 3:19, onde Adão é dito pelo seu pai-Criador: “No suor do teu rosto comerás o pão até que voltes ao chão, pois de ti fostes tomado; tu és pó e ao pó voltarás”. Nesta mitologia anterior, a terra da qual todas essas criaturas nasceram não é poeira, mas viva, como a própria Deusa Criadora (GIMBUTAS, 1991, p. XIII).

Na continuação do prefácio (p. XIII e XIV), ela cita as descobertas de Bachofen para a Europa e Oriente Médio, e as de Morgan para América e Ásia, como as primeiras sobre a ordem matrística de pensamento e vida, mostrando um alcance planetário do fenômeno sociológico. Finaliza dizendo que o livro aparece em um tempo em que precisamos de uma transformação geral de consciência e que o planeta precisa

acordar desse “pesadelo” (cita James Joyce) de cinco mil anos e voltar para a era de harmonia e paz, em acordo com as energias criativas da natureza.

7 O MITO CIENTÍFICO

Paolo Scarpi, especialista em estudos clássicos da universidade de Pádua, possui a perspectiva italiana da história das religiões, que contrasta com a fenomenologia de Mircea Eliade. Dessa forma, sua perspectiva irá ser distinta dos demais, e caracteriza-se como a linguagem histórica atual sobre a Antiguidade e Idade da Pedra. Ele afirma que as formas de culto das populações que deram vida à revolução neolítica ainda é um mistério. Ele confirma a prática funerária como uma forma de culto, porém não se tem como afirmar que se tratava de um culto aos antepassados, apesar de ser bastante plausível. Verifica a existência de edifícios que deveriam ter uma função de culto, a qual nos interessa dois: Tell es-Sawwan, na planície mesopotâmica, onde uma das construções continha um certo número de pequenas estátuas femininas, e Çatal Huyuk (analisada acima), na Anatólia, em que algumas salas, dentro de habitações, continham paredes decoradas com baixos-relevos representando figuras femininas, bois e crânios bovinos (SCARPI, 2004).

Em seguida, trata do tema da “deusa mãe” (e aqui utilizamos a grafia utilizada por ele) como um “mito” científico. Primeiramente, ele parte do princípio de que no Neolítico é improvável que houvesse uma ideia de divindade. Esse conceito seria uma característica das civilizações convencionalmente chamadas superiores, que possuem a cultura de cereais, arado, organizações urbanas estáveis, estratificação social, especialização por atividade, uso da escrita, entre outros. Nessas condições, todas as divindades possuem “[...] personalidade bem individualizada e diferenciada, correlata a um setor específico do real; são coordenadas em um sistema unitário (o panteão)” (SCARPI, 2004, p. 214). Assim, a reprodução da imagem feminina, nas estatuetas difundidas, segundo ele em pequeno número, amplamente encontradas em diversos sítios neolíticos (como vimos no trabalho de Marija Gimbutas), até as grandiosas representações nas paredes de Çatal Huyuk não permite falar de um culto à “deusa mãe” e muito menos de uma “deusa mãe”. O que ele sugere como muito provável, por se tratar de populações que se dedicavam a agricultura, é que as imagens femininas remetam ao modelo histórico-religioso da Mãe Terra.

Scarpi utiliza a categoria de “seres sobre-humanos” de Angelo Brelich para qualificar a Mãe Terra. Esses seres podem ser divididos entre os que operam apenas no mito e os que atuam no presente. Os primeiros não são objetos de culto, mas, ao lado do mito, “fundam” determinados aspectos da realidade, ou mesmo toda a realidade. Entram nesse conjunto o “Criador ocioso”, o “Trickster”, o “Dema” e o “Herói cultural”. Os segundos, ele agrupa em dois tipos: de um lado, os que são a expressão cultural de realidades fundamentais para o homem, mas não governáveis – em tudo ou em parte – por meios humanos. São eles: a “Terra Mãe”, o “Senhor dos animais”, o “Ser Supremo”. Esses concentram em si os riscos e as necessidades do mundo agrário, do mundo da caça e de toda a existência. Eles são cultuados, respondendo à exigência humana de sobrepor a disciplina cultural àquilo que permaneceria ligado ao acaso. E, por outro lado, os que controlam a realidade não humana, são eles: os “antepassados”, os “espíritos protetores” e os “ídolos” (SCARPI, 2004, p. 213).

Portanto, aponta a Mãe Terra como “Ser supremo feminino, garantia de fertilidade. E também esse Ser Supremo é apenas um *tipo*, um modelo heurístico, desprovido de consistência ontológica, exceto aquela que emerge das especificidades de cada cultura” (SCARPI, 2004, p. 22). Continua sugerindo que, mediante a importância dada à fertilidade, tenha-se produzido uma

[...] transfiguração simbólica do objeto até transformar a terra em um ser extra-humano. Parece também provável que a fertilidade da terra esteja associada à reprodução sexual, que poderia ter conduzido à união da terra, representada como uma imagem feminina, às formas masculinas do touro ou do bode, como em Çatal Huyuk, ou mais abstratamente do falo, ainda que não sempre conectado a uma figura feminina, como no caso de alguns falos descobertos em tumbas em Tell es Sawwan, na planície mesopotâmica (SCARPI, 2004, p. 22).

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, temos grandes autores, arqueólogos, historiadores, antropólogos, psicólogos e mitólogos que passaram um pouco a mais dos limites científicos, buscando essências e estruturas a fim de explicar nosso passado e dar respostas e significados para o presente. Imaginando situações e histórias, que podem ser verdadeiras, mas não são verificáveis, portanto não podem ser apresentadas como

históricas. Assim como historiadores interpretam o pensamento do homem pré-histórico a partir de seu programa de verdade.

Finalizando essa grande discussão, citaremos a magnífica consideração de Hutton, sobre o desenrolar da história da Deusa, que comporta os dados históricos, ao mesmo tempo que dá sentido ao construído, trazendo-nos inspiração para este trabalho.

Nenhum templo foi construído para ela, e nenhum culto público foi concedido; [...] verdadeiramente, ela não precisava de monumentos tangíveis, visto que ela existia tão firmemente nos corações e mentes dos poetas, dos romancistas, dos polêmicos e dos estudiosos; O próprio mundo natural tornou-se seu santuário (HUTTON, 1999, p. 42).

REFERÊNCIAS

- APULEIO, Lucio. *O Asno De Ouro*. Disponível em: <<https://magiapdf.files.wordpress.com/2013/11/lucio-apuleio-o-asno-de-ouro.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2018.
- FRAZER, Sir James. *O ramo dourado*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GIMBUTAS, Marija. *The languages of the Goddess*. San Francisco: Harper Collins, 1991.
- GRAVES, Robert. *A deusa branca: uma gramática histórica do mito moderno*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.
- HUTTON, Ronald. *The triumph of the moon: a history of modern pagan witchcraft*. Oxford University Press, 1999.
- JUNG, Carl. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- LEROI-GOURHAN, André. *As Religiões da Pré-História*. Coimbra: Edições 70, 2007.
- MARCONI, Marina; PRESOTO, Zelia. *Antropologia: uma introdução*. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2014.
- PAGLIA, Camille. Erich Neumann: theorist of the Great Mother. *Arion: A Journal of Humanities and the Classics at Boston University*, 13.3, 2006. Disponível em: <<https://www.bu.edu/arion/files/2010/03/Paglia-Great-Mother1.pdf>>. Acesso em: 28 jan. 2018.
- SCARPI, Paolo. *As religiões do Mundo Antigo*. São Paulo: Hedra, 2004.
- VERNANT, Pierre. *Com a morte nos olhos: figurações do outro na Grécia Antiga; Ártemis, Górgo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1988.